

No decurso de mais este ano estranho, em que a pandemia nos continuou a limitar os movimentos e as atividades, a revista *Páginas a&b* procurou fazer o seu caminho com vista a melhorar a sua qualidade e a aumentar a visibilidade e divulgação na comunidade científica, académica e profissional. A migração para a nova plataforma eletrónica, que ocorreu em meados do ano, foi sem dúvida um passo importante para atingirmos os nossos objetivos e para promovermos uma maior disseminação em acesso aberto, procurado chegar assim a um mais vasto número de leitores. O facto de a revista estar indexada num cada vez maior número de bases de dados, como se pode verificar pela enumeração feita no menu lateral direito da plataforma em que está alojada, é um fator de estímulo e encorajamento para continuarmos a melhorar em cada nova edição.

O número que fecha o ano de 2022 conta com 12 artigos e 2 resenhas bibliográficas, os quais, como habitualmente, são provenientes, na sua maioria, da comunidade científica luso-brasileira, sendo que neste número se inclui também um trabalho vindo do Uruguai. É exatamente este último trabalho, da autoria de Saraiva, que abre este número da revista, revelando-se como um interessante estudo teórico, que faz uma revisão histórica da Ciência da Informação na segunda metade do século XX e procura especificar qual é o seu objeto de estudo, analisando posições de diversos autores.

Seguidamente, Aleixo, Fernandes e Costa trazem-nos um artigo no qual fazem uma análise bibliométrica das revistas *Páginas a&b: arquivos e bibliotecas* e *Perspectivas em Ciência da Informação*, comparando a *performance* dos dois periódicos, um de Portugal e outro do Brasil, com o objetivo de traçar um perfil de tendências temáticas a partir deles. É sempre importante termos um olhar exterior sobre nós próprios e, por isso, este estudo é particularmente interessante para a revista que dirigimos.

Silva e Sabbag dão um contributo bastante original e pioneiro, abordando a classificação dos géneros narrativos de *fanfictions* disponíveis em repositórios destinados a alojar este tipo de histórias, procurando identificar as motivações dos utilizadores que realizam a indexação dessas mesmas histórias. Também inovador é o trabalho de Silva e Jorente sobre as representações imagéticas em ambientes digitais de “museus do feminino”, entendidas como “uma estratégia para a potencialização do processo de criação de conhecimento”. Segue-se um texto de Rasteli, que discute o conceito de “mediação”, importante tanto em museus, como em bibliotecas e arquivos, analisando a sua emergência no contexto francês, associada a questões culturais e artísticas, tanto nas instituições de cultura, como nos serviços/instituições do mundo da informação.

O papel social das bibliotecas universitárias é discutido por Araújo *et al.* a partir de um estudo de caso – as iniciativas da Biblioteca Central Irmão José Otão da Pontifícia Universidade Católica de Rio Grande do Sul (PUCRS) – e Gomes traz-nos os resultados de uma pesquisa sobre a utilização que as universidades públicas portuguesas fazem do Facebook como instrumento de comunicação. E, ainda, no âmbito universitário, temos um trabalho de Luce, Soares e Brasil, que tem como base um levantamento nos repositórios e bases de dados abertas de países da América Latina, Portugal e Espanha com vista a identificar a produção científica sobre o tema da “Literacia Mediática Informacional” nos meios académicos.

Temas relacionados com os arquivos são também recorrentemente tratados em todos os números de *Páginas a&b*. Este não é exceção e, como tal, temos um trabalho de Gonçalves *et al.*, abordando a noção de “documento” na Arquivística, numa perspetiva pouco comum, que tem como base “a materialidade e a institucionalidade da informação”. Seguidamente, Costa apresenta-nos um estudo de caso, sobre um arquivo de família – o Arquivo Sousa Lobato – e Tenaglia e Rodrigues discutem o destino e a conservação dos acervos documentais produzidos pelas “comissões de verdade” no Brasil, um tema também muito oportuno e pertinente.

O último artigo, de Silva e Silva, debruça-se sobre o comportamento informacional de profissionais da área da saúde, durante o tratamento de feridas, e sua relação com a localização geográfica dos utilizadores. Apresenta os resultados de um questionário que merecem, sem dúvida, ser analisados e discutidos.

Fecha-se este número com 2 resenhas, de autoria de Rodrigues e de Malheiro da Silva, chamando a atenção dos leitores para 2 obras recentes. Uma delas analisa o processo de produção da Lei de Arquivos francesa, no seu contexto próprio e numa perspetiva de defesa do património cultural; a outra trata das competências que as bibliotecas públicas devem desenvolver para serem mais inclusivas, nomeadamente no que respeita a utilizadores invisuais. Sem dúvida, duas referências bibliográficas que merecem a nossa atenção.

Termino formulando votos de um Feliz Ano de 2022, com um retorno progressivo à normalidade, e esperando que as *Páginas a&b* continue a suscitar o interesse dos leitores e dos autores a quem são dirigidas.

Fernanda Ribeiro